

SETOR EXTERNO E ECONOMIA INTERNACIONAL

As boas novas do front externo

*Nilson de Paula**
*Paulo Mello Garcias***

A economia brasileira iniciou o presente ano celebrando elevados índices de desempenho registrados ao longo de 2004, os quais resultaram num ganho de 10% na participação do Brasil nas exportações mundiais. Entretanto, algumas suspeitas de que a história poderia não se repetir neste ano foram amplamente veiculadas com base em restrições da capacidade instalada e um certo receio dos empresários para aumentar investimentos tendo em vista a manutenção da política de juros do Banco Central. Apesar disso, o *front* externo da economia revelou evidências contrastantes a esta avaliação, alimentando perspectivas bastante otimistas para os próximos meses, a ponto de levar o governo a projetar um aumento das exportações totais de 2005 de US\$ 108 bilhões para US\$ 112. Os efeitos desse aumento das exportações sobre o conjunto da economia é algo a ser ainda avaliado, embora algumas análises já indiquem que o crescimento do PIB possa recompor uma trajetória ascendente estimulada pela demanda externa, tendo em vista estimativas de apenas 0,8% comparado ao último trimestre de 2004.

No tocante ao comércio externo, segundo dados do Ministério do Desenvolvimento Indústria e Comércio (MDIC), a economia brasileira apresentou no primeiro bimestre de 2005 um saldo em sua balança comercial 40% superior ao obtido em igual período de 2004. Para tanto, houve um aumento também expressivo nas exportações (31,9%) e nas importações (28,4%).

Ao se comparar os períodos sucessivos de 12 meses, o saldo da balança comercial revelou um aumento de 74,3% entre março de 2003 e fevereiro de 2004, bastante superior aos 34,6% registrados no período subsequente (março de 2004 a fevereiro de 2005). Essa evolução mais acentuada no período anterior foi certamente uma decorrência da alta desvalorização do Real frente ao Dólar e do quadro de instabilidade associado a um fraco desempenho da economia como um todo. Assim é que as exportações cresceram apenas 19,6% e as importações 2,4% em relação ao acumulado dos 12 meses anteriores. Já comparando o período de março/2004 - fevereiro/2005 com os doze meses subsequentes

* Doutor em Economia pela University College London. Professor do Departamento de Economia da Universidade Federal do Paraná (UFPR). Endereço eletrônico: nilson@ufpr.br

(março/2003 - fevereiro/2004) percebe-se um significativo crescimento da ordem de 34% nas exportações e 33,5% nas importações.

A evolução das exportações brasileiras nos primeiros meses de 2005 tem sido surpreendente, tendo em vista as condições desfavoráveis do câmbio e as perspectivas de uma redução do ritmo de crescimento da economia. Os sinais de enfraquecimento da moeda norte-americana neste início de ano, emitidos pela posição deficitária dos EUA, tanto no terreno fiscal quanto nas contas externas, mostraram que o caminho para um reequilíbrio cambial estava nas decisões de política econômica daquele país. Entretanto, isso não eliminou um persistente questionamento por parte de exportadores brasileiros a respeito da condução da política cambial, prevendo perdas no desempenho das exportações.

Simultaneamente, a valorização cambial acabou por alimentar expectativas menos otimistas a respeito do crescimento do PIB, já sob pressão em vista da continuidade da política de elevação da taxa básica de juros para ajustar a variação de preços em torno da meta de inflação. De qualquer forma, o comportamento do câmbio no futuro próximo já não estará tão influenciado pela presença do Banco Central através de leilões visando recompor reservas, como se observou durante os últimos meses. Finalmente a decisão do *Federal Reserve* (Fed) de elevar ou não a taxa de juros nos EUA, dependendo do nível de aquecimento daquela economia, poderá causar um refluxo de capital naquela direção suavizando, portanto, a tendência de perda de valor do Dólar no mercado mundial e conseqüentemente no Brasil.

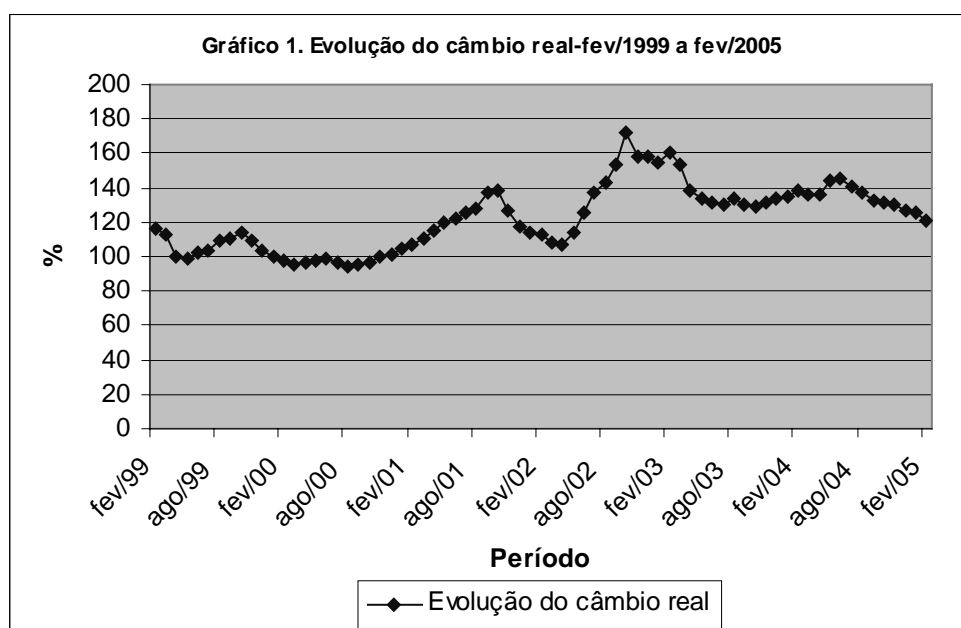
Essa combinação, a princípio estranha, entre aumento das exportações e valorização cambial encontra suporte em vários aspectos. Primeiramente, deve ser destacado, como analisado posteriormente, que a maior parte das exportações realizadas nesse período é de produtos manufaturados menos vulneráveis às variações cambiais do que as *commodities*. Muitas empresas conseguiram preços mais elevados para seus produtos, assim como foram capazes de transferir para os preços finais o aumento de custo causado pelo encarecimento do aço. Além disso, algumas indústrias envolvidas em atividades globalizadas, foram beneficiadas pela desvalorização do Dólar, permitindo um barateamento da importação de insumos e produtos semi-acabados.

Em segundo lugar, muitos produtos foram beneficiados por aumentos de preços no mercado internacional possibilitando assim uma compensação direta às perdas provocadas pela desvalorização do Dólar. Finalmente, embora em menor dimensão, supõe-se que

** Doutor em Economia pela Universidade de São Paulo (USP). Professor do Departamento de Economia da Universidade Federal do Paraná (UFPR). Endereço eletrônico: paulomg@ufpr.br

contratos de longo prazo para exportação de produtos manufaturados permitem evitar as oscilações recentes. De qualquer forma, chama atenção o fato da economia brasileira ter registrado um desempenho extremamente positivo nas relações comerciais quando o câmbio ainda padece de uma valorização inconveniente do ponto de vista das exportações.

Por outro lado, é preciso considerar que a valorização do Real no primeiro trimestre de 2005 não foi suficiente para superar a taxa de câmbio real de fevereiro de 1999, quando houve a flexibilização do regime cambial atual, o qual ainda se encontra acima da referência daquele momento em que houve um ajuste de acordo com as condições de mercado.



Fonte: Banco Central do Brasil

Do ponto de vista da estrutura das exportações, atenção deve ser dada à evolução mais acentuada entre os produtos manufaturados, cujo peso na pauta de produtos passou de uma média de 54,8% em fevereiro de 2004 para 58,5% no mesmo mês de 2005. Desde 1980 os produtos básicos passaram a ocupar a menor parcela das exportações brasileiras, com percentuais abaixo de 40% do total. Menção deve ser feita ao período de 2000 a 2004, quando os produtos básicos, mesmo mantendo um percentual menor, aumentaram sua participação de 23% para 30%. Isso foi nitidamente determinado pelo comportamento da taxa de câmbio nesse período de quatro anos. Da mesma forma, comparado ao primeiro período de 2004, esses produtos apresentaram um crescimento de 39,7%, os produtos básicos 3,4% e os semimanufaturados, 31,6%. Essa diferença pode ser observada também através dos índices de preços de *quantum* das exportações para a mesma base de comparação.

Tabela 1. Variação dos índices de preço e *quantum*

	Preço	<i>Quantum</i>
Exportações totais	10,1	19,6
Produtos Básicos	4,5	3,1
Produtos Semimanufaturados	19,0	7,4
Produtos Manufaturados	11,1	30,2

Fonte: MDIC

Essa diferença entre produtos industrializados e *commodities* pode ser diminuída, na medida em que se considerem as exportações resultantes da safra agrícola que ocorrem mais intensamente após o mês de abril. Isso já pode ser observado na comparação das médias até a 2ª semana de abril/2005 com as de abril/2004, registrando um crescimento nas categorias semimanufaturados com aumento de 93,6%, básicos com aumento de 56,3%, (principalmente em função de petróleo em bruto, algodão em bruto, minério de ferro, carne suína, bovina e de frango, café em grão e soja em grão) e manufaturados cujo aumento foi menor (38,4%).

Ao se comparar os dados de abril/2005 com março/2005 observa-se que o crescimento das exportações de produtos básicos (43,1%) chegando a US\$ 148,3 milhões, superou o de semimanufaturados (19,3% com US\$ 76,5 milhões) e de manufaturados (7,6%), cujo valor nominal ainda está acima dos demais (US\$ 263,4 milhões).

Ao se considerar o período de 12 meses, entre março de 2003 e fevereiro de 2004 e março de 2004 e fevereiro de 2005, percebe-se ainda uma superioridade dos produtos manufaturados, embora a diferença em relação aos demais produtos seja bem menor. A evolução dos produtos manufaturados foi de 38% enquanto os básicos e os semimanufaturados aumentaram em 30,5% e 26,2%, respectivamente. Se essa diferença por um lado caracteriza uma clara diversificação da pauta exportadora, por outro isso não significa que o desempenho do agronegócio no mercado externo seja menos importante.

Muitos produtos oriundos da agropecuária são processados e, portanto, se encaixam na categoria de manufaturados ou semimanufaturados. Destaca-se nesse sentido açúcar e álcool com crescimento de 77,6%, madeiras processadas de 36,4%, papel e celulose de 39,3%, sucos de frutas de 206,5%, entre fevereiro de 2004 e de 2005 (MDIC).

Um aspecto relevante quanto aos produtos manufaturados está relacionado à sua ampla diversificação, envolvendo itens sofisticados da indústria automotiva como autopeças, carros, veículos de carga, chassis com motor, automóveis, tratores, indústria eletro-eletrônica como receptores/transmissores, telefones, transformadores, bombas e compressores, circuitos integrados, turbinas e aparelhos hidráulicos, conjuntos eletrônicos, além de aviões, veículos de linha férrea, etc. Essa diversificação sinaliza para uma inserção diferente da indústria brasileira

e revela uma mudança no espectro de competências da economia, na medida em que setores até recentemente restritos ao mercado doméstico têm expandido suas vendas em diferentes direções do mercado mundial.

Um último aspecto referente ao desempenho das exportações diz respeito à diversificação do mercado comprador e às tendências da economia mundial. Assim, a maior amplitude da pauta de produtos ocorre simultaneamente ao fato de que as exportações brasileiras se destinam a um grupo mais diverso de países, tanto em termos numéricos quanto em termos do grau de desenvolvimento. Isso é significativo por sugerir uma menor dependência de mercados concentrados na Europa e Estados Unidos.

O maior crescimento das exportações, especialmente de produtos manufaturados, se deu nas vendas a compradores do Oriente Médio, Europa Oriental, Caribe e África, até então tidos como mercados não tradicionais. Assim, com base no ano de 2004, o crescimento das exportações brasileiras se deu mais intensamente entre os países da América Latina, com destaque para a Argentina, cujo crescimento foi de 62%, certamente impulsionado pela recuperação econômica.

Tabela 2- Crescimento das Exportações segundo as regiões de destino no ano de 2004

Regiões	Varição - %
Mercosul	57,1
Aladi	48,8
África	48,4
Oriente Médio	31,4
União Européia	30,9
Ásia	24,7
Europa Oriental	22,7
Estados Unidos	20,4
Total	32,0

Fonte: MDIC

Paralelamente a esse processo de diversificação das exportações deve ser destacado que as vendas para os Estados Unidos apresentaram uma ligeira recuperação no primeiro trimestre de 2005, comparado ao mesmo período de 2004, com um crescimento de 36,2%, acima de 27,8% do total. A reativação da economia norte-americana com o adiamento de decisões de elevação dos juros, ante um cenário de inflação e de déficit externo, ainda dentro de limites aceitáveis, pode retardar aquele processo reafirmando, portanto, o grande peso que o mercado daquele país tem para as exportações brasileiras. Por outro lado, a demanda de mercados tradicionais da Europa e China, especialmente por *commodities*, revelou-se pouco dinâmica no primeiro trimestre de 2005, com aumentos de 13,5% e 0,6%, respectivamente, comparado ao mesmo período de 2004.

Por outro lado, os ganhos obtidos pelo Brasil no mercado externo devem ser vistos no contexto de uma expansão ocorrida em várias regiões. Segundo a Organização Mundial do Comércio (OMC), o ano de 2004 foi excepcional para o conjunto dos países em desenvolvimento, tendo sua participação no comércio internacional aumentada para 31%, o nível mais alto desde 1950.

O comportamento das exportações brasileiras durante o ano de 2005, entretanto, pode não confirmar a tendência registrada ao longo dos três primeiros meses, tendo em vista as perspectivas da economia mundial. Segundo estimativas, o ritmo de crescimento de 3,5% verificado no primeiro trimestre deste ano, propício a aumentos de preços das exportações, pode sofrer uma desaceleração no futuro imediato, causando um impacto direto sobre o comércio mundial. Essa previsão pode ser o resultado direto do aumento do preço do petróleo e da possibilidade de aumento dos juros.

Mais ainda, embora o crescimento do comércio mundial em 2004 e início de 2005 tenham sido bastante positivos, prevê-se uma desaceleração do seu ritmo de crescimento de 9% para 6,5% em 2005. Essas são previsões da OMC, segundo as quais o crescimento do comércio mundial deverá diminuir pela primeira vez, após 2001.

Simultaneamente, a economia mundial deverá diminuir seu ritmo de crescimento em 2005, a partir da desaceleração mais visível nas economias dos estados Unidos crescendo 3,6% ao contrário de 4% inicialmente previstos, e da zona do Euro com 1,6% e não mais 2,2%. As incertezas derivadas desse cenário podem estar indicando uma reversão de tendências no comércio mundial, especialmente para os países emergentes. Sendo assim, o principal desafio para a economia brasileira no *front* externo está justamente em aumentar ganhos de produtividade e em diversificar o leque de parceiros comerciais, em particular na exportação de produtos industrializados. Todavia, é preciso levar em consideração as previsões de redução da taxa de crescimento da economia brasileira para este ano a partir da propagação das condições macroeconômicas desfavoráveis ao aumento dos investimentos. Mesmo diante desse cenário, é possível que as exportações continuem expandindo como resultado de ganhos de produtividade e das conquistas de novos parceiros comerciais, em particular no comércio de produtos industrializados.